

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS: UM DESAFIO PARA A ESCOLA

Elizete Zuchinali Bavaresco<sup>1</sup>

Saulo Rodrigues Carvalho<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo trata das atividades desenvolvidas no projeto de Intervenção: “Prevenção ao uso indevido de drogas: um desafio para a escola”, realizadas entre os anos de 2016 e 2017, no Programa de Desenvolvimento Educacional –PDE. O Projeto teve como público alvo os alunos da primeira série do ensino médio, do Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima – EFM de Laranjeiras do Sul – Paraná. Considerando que na atualidade as drogas têm se tornado um instrumento de grande destruição da vida dos jovens e das famílias, propôs-se uma pesquisa sobre o conhecimento que os estudantes têm acerca das drogas. A partir disso foi dado prosseguimento desenvolvendo atividades com objetivo de criar espaço dentro do ambiente escolar para discutir a problemática das drogas, proporcionando ao jovem maior conhecimento para poder entender esse universo e ter possibilidade de escolher caminhos que o proporcione uma vida saudável. Contudo, realizar um trabalho preventivo ao uso de drogas, fazer com que o jovem pense e reflita de maneira crítica sobre sua vida, suas escolhas, seus desejos, suas frustrações e seu futuro. Repensar os discursos e as práticas repressivas predominantes nos debates sobre prevenção; desenvolver e ampliar argumentos consistentes, críticos e politizados sobre situações e contextos nos quais as drogas estão presentes foram possíveis a partir das atividades desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Prevenção; Drogas; Escola

## INTRODUÇÃO

O presente artigo discorrerá sobre as reflexões dos estudos, pesquisa e atividades desenvolvidas por meio de produção didático-pedagógica constituída de uma unidade didática, a qual propôs atividades objetivando orientar e instrumentalizar os alunos da 1ª série do ensino médio do Colégio Estadual do Campo “Joany Guilherme de Lima” na perspectiva de que construam novos conhecimentos acerca das drogas e assim possam resistir a atração que estas nos seus mais diversos tipos exercem sobre os jovens, e desta forma desenvolver a “Prevenção ao Uso Indevido de Drogas”. Contudo, a questão é: se há tanta informação a respeito dos problemas para a saúde, das consequências, da tolerância, da abstinência, dos efeitos agudos e crônicos quanto ao uso das diversas drogas, o que faz os adolescentes, jovens e adultos de hoje experimentar drogas? A toda essa indagação muitas são as respostas, com causas diferenciadas e até mesmo, sem

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia. UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista – SP 2012. Pós graduada em Pedagogia Escolar e Educação de Jovens e Adultos, participante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE 2016). E-mail: [elizetebavaresco@seed.pr.gov.br](mailto:elizetebavaresco@seed.pr.gov.br)

<sup>2</sup> Doutor em Educação Escolar pela UNESP – Araraquara, Professor do Curso de Pedagogia – UNICENTRO.

motivo aparente. Diante do exposto, se fez necessário além do estudo sistemático sobre o uso indevido de drogas, uma educação preventiva, conscientização de alunos, famílias e comunidade, sobre os efeitos e consequências à vida humana nos aspectos físicos, psíquico e social.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: no item “**Drogas e adolescência**” foi feita uma abordagem teórica sobre drogas e seus efeitos sobre a adolescência. O item “**Prevenção**” trata dos aspectos relacionados ao trabalho de prevenção e conscientização sobre as drogas no âmbito educacional, o item “**Mediação pedagógica**” discute a mediação pedagógica possível no âmbito escolar, o item “**Ações desenvolvidas**” apresenta e analisa a experiência desenvolvida no Colégio Estadual Joany Guilherme de Lima. A última parte apresenta as considerações finais, por meio das quais se ressalta a importância da escola, no desenvolvimento de ações de prevenção ao uso de drogas.

## **1. DROGAS E ADOLESCÊNCIA**

Segundo a Organização mundial de saúde (OMS), “drogas são substâncias que, quando consumidas, ingeridas, inaladas, injetadas ou fumadas produzem alterações no funcionamento do organismo” (NIEL, 2009, p.13). Sendo assim, a maioria da população consome substâncias que podem ser consideradas como drogas e nem sempre se dão conta desse fato, conforme afirmam as autoras Araujo e Moreira (2009, pág. 3)

As classificações profissionais normalmente procuram indicar que outras substâncias de uso habitual não-médico ou recreativo, tais como a cafeína, o tabaco e o álcool, sejam também enquadradas como drogas, na medida em que são consumidas, pelo menos em parte, por seus efeitos no cérebro.

De acordo com Niel, (2009, p.13) as drogas que provocam alterações no sistema nervoso são chamadas de drogas psicotrópicas, elas podem ser consideradas estimulantes, depressoras ou perturbadoras do sistema nervoso, sendo que a dependência de drogas, devido ao consumo regular, causa diretamente problemas a saúde, a família, aos amigos, ao rendimento escolar e indiretamente a todos os que convivem com o usuário. Segundo o autor a interrupção do uso de drogas pelo dependente pode causar a síndrome da abstinência, que pode provocar alterações no estado de saúde com dores, alteração nervosa, febre, vômito, diarreia e insônia.

De acordo com Lemos, (PARANÁ, 2008, p. 53) como exemplos de drogas estimulantes temos o tabaco, a cocaína e as anfetaminas. No grupo das depressoras, o álcool, os barbitúricos, os opióides, os benzodiazepínicos e os solventes inalantes. As

substâncias alucinógenas que causam efeitos psíquicos são a maconha, fungos alucinógenos, LSD, ecstasy, entre outros.

No último levantamento do CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas), de 2005, o *crack* aparece como tendo sido usado apenas por 0,3% da população, o álcool surge como sendo consumido por 74% da população brasileira. A estimativa de dependentes de álcool no Brasil chega a 12%. Apesar dessas diferenças tão discrepantes entre a incidência do uso de álcool e do *crack*, pouco se fala sobre a questão do álcool como grave problema de saúde pública e não vemos nenhum movimento urgente para reduzir seu uso. O debate sobre as drogas envolve questões éticas e políticas. Faz-se uma escolha quando se decide tratar o uso do *crack* com ações policiais violentas e tratamentos compulsórios e não proporcionar o cuidado do usuário no território. É também uma escolha de toda a sociedade aprovar esta escolha e ver o uso ou abuso do álcool como culturalmente aceito e visto de forma despreocupada e condescendente. Que tipo de sociedade estamos construindo? (CAPPONI e GOMES, 2011).

Contudo, percebe-se que o uso de drogas tem preocupado as famílias e a sociedade como um todo, porém, tal preocupação se dá em função das drogas ilícitas, tendo em vista que as drogas lícitas são utilizadas de forma natural e cultural, sendo que tal fato deve ser considerado por serem as drogas lícitas as mais fortes geradoras de abusos e dependências. Estudos revelam que as práticas culturais familiares muitas vezes são estímulos para a fase da experimentação e continuidade de uso das drogas, uma vez que as primeiras experiências com o uso de cigarro e bebidas acontecem na família, seguido pelo estímulo da mídia que coloca principalmente o álcool como meio de comemoração em face de “qualquer” conquista, corriqueiramente assistimos em propagandas, filmes e novelas tais fatos, entretanto o aumento da utilização dessas substâncias tem se tornado motivo de estudos e de busca de meios para conscientização, principalmente com relação aos adolescentes, que segundo André e Vicentin (1998, p.70),

o jovem tem ocupado para o nosso tempo um lugar certamente problemático. Na maior parte das vezes o que emerge do mundo adolescente ecoa no mundo adulto como impertinência, como apatia, como doença, como delinquência. São muitas as produções científicas sobre a juventude que desconhecem ou negam suas potencialidades: a juventude vista como subcultura marginal e delinquente; como população em risco; como etapa transitória, na qual se está, mas todavia não se é. São extensas também as atribuições moralistas em torno da juventude: “juventude sem valores”; “juventude desviada”; “juventude violenta”.

De acordo com Medina(2011), o conceito de adolescência engloba não só às transformações físicas, mas também o processo de mudança e adaptação psicológica, familiar e social a essas transformações. Essas mudanças e adaptações acontecem de maneira diferenciada para cada pessoa, de acordo com a herança genética, sexo, condições alimentares, ambientais, educacionais e culturais. Do ponto de vista cronológico, a Organização Mundial da Saúde define adolescência como sendo a faixa etária de 10 a 19 anos completo, esta também é a faixa etária que o Ministério da Saúde e a Sociedade Brasileira de Pediatria consideram como adolescentes. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente delimita entre 12 e 18 anos.

A experimentação de novos hábitos ou novas formas de prazer pode fazer parte do próprio desenvolvimento. Nesse sentido, a curiosidade por experimentar estados alterados de consciência, e a busca de prazer ou diversão através do uso de drogas pode estar presente em diversos contextos sociais e fases da vida, especialmente na adolescência. (MOREIRA; NIEL; SILVEIRA; 2009, p. 20).

Assim sendo é preciso entender esse período não apenas como um momento transitório da infância para a fase adulta ou como uma fase que apresenta comportamentos de risco. Trata-se de um momento específico marcado por muitas mudanças na formação e na trajetória dos indivíduos. Nesse sentido, a juventude deve ser entendida como um período importante do desenvolvimento humano, “um momento no qual se criam e compartilham experiências geracionais que, apesar de serem bastante diversas, conformam um conjunto comum de experiências cujas especificidades precisam ser reconhecidas” (MEDINA, 2011, p. 117).

Essa fase de passagem do círculo social familiar, o qual é bastante restrito, para o mundo que é um universo muito mais amplo e abrangente coloca o adolescente a uma maior exposição a inúmeros fatores considerados de risco e que pode levá-lo ao início do uso de drogas. A identificação destes fatores é de fundamental importância, a fim de que se possam realizar intervenções para inibir ou retardar o uso e abuso destas substâncias, já que esse período também se caracteriza pela instabilidade e fragilidade e que segundo Cordellini e Venetikides (2008, p. 61) a imitação que ocorre do comportamento de grupos de amigos ou de adultos de referência que usam drogas, pode levar não só a iniciar o uso, como manter e até incrementá-lo. Outros fatores importantes são a defasagem escolar, a ausência da figura paterna no ambiente familiar, brigas frequentes, separações conflituosas, agressões familiares, falta de suporte parental, atitudes permissivas quanto ao uso de drogas, incapacidade dos pais de controlar os comportamentos indisciplinados

dos filhos, também são predisponentes para iniciação ou continuação do uso por adolescentes. Além disto, há fatores orgânicos que podem ser predisponentes, tais como: (depressão, transtornos de humor, transtornos de ansiedade, transtorno do déficit de atenção, hiperatividade entre outras) que podem também levar ao uso ou dependência de substâncias psicoativas. São múltiplos e complexos os fatores que podem levar um (a) jovem ao uso de drogas, tais como os genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais, portanto, não podem ser reduzidos a uma faceta da dimensão biológica, psicológica ou social, mas sim a uma combinação de vários deles. Desta forma, também são múltiplas e complexas as soluções para o enfrentamento tanto da prevenção quanto do abuso.

## **2. PREVENÇÃO**

De acordo com Moreira e Silveira (2009, p.25) a prevenção ao uso indevido de drogas pode ser entendida como todo o empenho e ações desenvolvidas para diminuir ou acabar com o desejo que alguma pessoa possa ter de usar drogas. As contribuições no sentido de prevenir não são de incumbência só da escola, da família ou da igreja, mas sim de toda a sociedade. Claro que uma boa educação se inicia na família, a qual deve desenvolver na criança desde cedo hábitos como: alimentação saudável, organização nos horários de dormir, pequenas tarefas como organizar brinquedos, arrumar a cama, atitudes de respeito com os outros e valores que devem ser aprendidos em cada fase da vida vão fortalecer as atitudes de prevenção.

Segundo os autores Fernanda G. Moreira e Dartiu Xavier da Silveira (2009), dar voz a criança e ao adolescente, pode responder às suas demandas de maneira adequada, dosando afeto e limite. Prevenção no seu sentido mais profundo é o adolescente sentir que ele faz diferença no mundo, que é amado, que sentem sua falta, que se importam com ele, que tem um futuro pela frente e que, portanto, vale a pena fazer um sacrifício, abdicar do prazer imediato em troca de algo melhor no futuro. É importante que seja oportunizado a criança e ao adolescente o acesso a diferentes atividades, as quais os levem a fazer escolhas, a desenvolver habilidades a partir de algum esforço que gera prazer, uma boa sugestão são os jogos cooperativos, brincadeiras, teatros, músicas, sempre respeitando o interesse pessoal. Tudo isso se contrapõe a ideia do prazer imediato ocasionado pelas drogas e é possível se a mensagem transmitida aos filhos for de tolerância e aceitação dos seus limites deixando transparecer amor e respeito

A família é uma mediadora entre o indivíduo e o mundo, na tradução de objetos e relações, e atribuições de valores. Essa mediação é fundamental para organizar o universo do indivíduo, e, mesmo que sua intensidade se reduza durante o crescimento, as figuras de referência sempre vão exercer o papel de apresentar algo e dar-lhe um significado inicial, que será posteriormente elaborado pelo indivíduo. Assim, é tarefa da família dar significado à escola, à educação, com vistas às ações do indivíduo na relação com esses elementos. (BRILLINGER e SUDBRACK, 2012, p.247)

Há muito tempo se diz que se ensina mais com exemplos e modelo do que com palavras e isso remete aos pais uma análise de seus comportamentos. Os adolescentes iniciam seu aprendizado do que é droga quando observam os adultos nas mais diferentes situações, como por exemplo, presenciam cenas de desequilíbrio diante de problemas, e ouvem as pessoas da família dizer que precisam de um cigarro para se acalmar, ou de um calmante para dormir, café para se manter acordado. Por meio da convivência observam o consumo de bebidas alcoólicas, a maneira de comer exageradamente, o consumismo e a insatisfação por não conseguir acompanhar tudo o que o mercado oferece; tudo isso contribui para o início ou o aumento do consumo de drogas.

Diante do exposto, já não basta à transmissão de conceitos e informações, pois estas isoladas não contribuem para a prevenção do uso de drogas. Um fator importante é jamais se afastar do adolescente por conta das rebeldias, encontrar mecanismos de aproximação é fundamental, os pais devem sempre estabelecer o diálogo mesmo que tenham sua autoridade questionada, pois este é a única forma de acompanhar o desenvolvimento do adolescente e contribuir para a construção da sua identidade. Segundo as autoras Maluf e Pires, (2009, p. 47), há três tipos de apoio que a família deve promover ao seus membros que são considerados por elas básicos:

- Afetivo: os membros da família demonstram amor, e essa manifestação inclui gestos, como abraçar, o que faz com que se sintam queridos uns pelos outros;
- Emocional: os membros da família são ouvidos quando precisam conversar, falar de si e de seus problemas, de suas preocupações, de seus medos, e buscam conforto e relaxamento;
- Informações e aconselhamento: os membros da família sugerem mecanismos para lidar com seus problemas pessoais.

A educação destinada a prevenção ao uso de drogas considerada como responsabilidade coletiva coloca a escola como um espaço privilegiado para tal, visto que toda a população passa por ela numa idade e em circunstâncias altamente favoráveis à assimilação de certos hábitos, atitudes e conhecimentos (ANDREOLI e MOREIRA, 2009),

ainda há que se cumprir o Decreto Nº5.679 de 16 de novembro de 2005 que institui no âmbito do Território Paranaense, em todas as Instituições Públicas Estaduais de Ensino que ofertam o Ensino Fundamental, Médio e a Educação Superior o Programa de Formação da Cidadania Plena, que estabelece que será incluído nas disciplinas afins, o tema específico que aborde, informe e esclareça Cidadania, Qualidade de Vida com enfoque na prevenção ao uso indevido de drogas lícitas e ilícitas. Contudo esse é um trabalho desafiador, que requer tratamento adequado e cuidadoso, fundamentado em resultados de pesquisa, desprovido de valores e crenças pessoais.

Nessa perspectiva, segundo Álvaro Lorencini Júnior (1998, p. 40)

a escola é um ambiente social adequado e propício para desenvolver a problematização da temática, discutindo e elaborando estratégias de informação, orientação e intervenção para uma educação preventiva, em que participem alunos, pais professores e a comunidade escolar e social em geral.

A partir dessas considerações o trabalho não deve se esgotar em um único projeto mas se estender em ações sucessivas que se fortaleçam na coletividade e que tenha como objetivo o desenvolvimento da capacidade de escolha dos indivíduos, considerando que uma pessoa bem informada e com consciência crítica desenvolvida terá mais possibilidades de fazer escolhas e discernir sobre o que oferece risco e o que favorece a saúde.

### **3. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA**

A escola enquanto entidade educativa, tem a obrigação de orientar os adolescentes e jovens quanto a todos os perigos e consequências do uso de drogas, diagnosticar possível uso e abuso com drogas, envolver a família, a comunidade e buscar apoio dos setores que ajudarão, são ações que a escola deve desenvolver, pois segundo os autores Moreira e Andreoli (2009, p.53), “a partir de 1972, a educação destinada a prevenir o abuso de drogas foi considerada uma necessidade universal e premente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)”, diante disso nos cabe pensar qual é o papel do professor nestas ações que conforme os mesmos autores, para os estudiosos das questões das drogas a pertinência deste assunto na alçada do educador é fato estabelecido.

Tendo consciência que o problema relacionado às drogas é grave, e envolve a sociedade como um todo há que se superar o modelo de repreensão e de discriminação com enfoque no medo e buscar a educação e a saúde integral dos nossos adolescentes e



jovens. Devemos promover uma educação com enfoque sistêmico tendo preocupação em reduzir a procura por drogas, conscientização sobre drogas lícitas e ilícitas e seus abusos, ênfase na autoestima e na autoconfiança, reconhecer situações de risco promovendo a opção pela saúde e pela vida (BRASIL, 2012)

(...) observando que, segundo a Organização mundial de Saúde (OMS), são fatores de risco do uso de drogas: ausências de informações adequadas sobre as drogas; insatisfação com sua qualidade de vida; pouca integração com a família e a sociedade; facilidade de acesso às drogas (BRASIL, 2012, p.176).

Nesse sentido é necessário o fortalecimento do vínculo dos alunos com a escola para que seja possível realizar intervenções com o intuito preventivo e conforme Albertini, (1998, p. 56), além da postura de aproximação empática e escuta, a escola pode fazer o mais amplo e honesto esclarecimento do tema, acreditando no potencial da faculdade intelectual humana, munindo o jovem de recursos emocionais e intelectuais que o instrumentalizem para enfrentar os problemas inevitáveis da vida.

Conforme o autor Amadeu Cruz (2002, *apud* ALVES e MALHEIROS, , 2008, p.108) “um fator de fracasso da prevenção é aquele que considera esta atividade um evento isolado, dissociado de um planejamento global ou integrado” sendo que a prevenção deve resultar de um processo educacional constante e permanente nas escolas, uma vez que:

A escola é vista, pelos alunos, como um meio para a obtenção de um maior capital social e cultural. Entretanto para que a escola continue exercendo sua função e seja capaz de propor ações concretas na resolução dos conflitos que se dão no seu ambiente – os quais refletem problemas internos e externos a ela, tais como a presença, a venda o consumo de drogas -, é necessário que ela seja capaz de lidar com novos valores e ideias que surgem com as constantes transformações sociais (ABRAMOVAY e CASTRO, 2005, p.89).

Mesmo com todas as suas limitações e tensões a escola constitui-se em um local, por excelência, de formação de sujeitos, a partir das relações que se estabelecem entre alunos e professores. Essas transcendem a simples relação pedagógica, uma vez que a escola deve estar comprometida com os projetos de vida e as aspirações dos jovens nela inseridos (DUBET,1991, *apud* ABRAMOVAY e CASTRO, 2005). Os professores devem ter clareza da concepção de educação que norteia o trabalho nas escolas públicas do Paraná e também devem estar seguros quanto a concepção de mundo, de escola e de homem assim como para que tipo de sociedade a escola pública está desenvolvendo o seu trabalho.

Neste sentido, é importante considerar um tratamento pedagógico que possa ser o mais coerente possível, é necessário por em crise as informações, questioná-las e com isso incitar os alunos a discutir os aspectos sociais, econômicos, políticos, históricos,

éticos e culturais envolvidos na problemática das drogas bem como as relações de poder nestas circunstâncias (PARANÁ, 2008).

Conforme as palavras de Alves e Malheiros, (PARANÁ, 2008, p. 115), há diferentes possibilidades de abordagens sobre a prevenção ao uso indevido de drogas presentes na sociedade e na escola. Para tanto precisa-se considerar uma prática escolar fundamentada numa relação dialógica entre professores e alunos e destes com o mundo. Por meio desta prática ambos podem refletir sobre compromisso político e produzir o próprio conhecimento em torno das implicações das drogas na sociedade.

A escola pode acionar a autoestima e o comprometimento social e incentivar formas de sociabilidade pautadas no respeito e na solidariedade. Em muitos casos, predomina no imaginário social, como vontade, uma valoração positiva da escola. Ainda que seja criticada, insiste-se, a escola goza de legitimidade na comunidade de relações sociais primárias na família, e, em particular, entre os jovens. A escola é um lugar onde os jovens socializam-se, fazem amizades, e onde podem ter uma interação com adultos significativo (como os professores). É também um lugar que possui como massa/objeto, conhecimentos, valores e afetos. Vários vetores sociais contam a favor da escola como um lugar privilegiado para acionarem-se programas preventivos e de atenção (ABRAMOVAY e CASTRO, 2005, p.118).

Conforme as palavras das autoras entende-se que o lugar de maior credibilidade demonstrado por toda a sociedade ainda é a escola e que a perspectiva da UNESCO é combinar programas de prevenção na escola com a construção de uma escola protetora/escola protegida, ou seja, escolas voltadas a proteção integral, o que passa por lidar com o tema de drogas não somente por meio de programas específicos, mas por uma outra concepção de escolas que estimulem outras buscas, novos conhecimentos e a ênfase no lúdico em outros sentidos do prazer(que não as drogas), na solidariedade, no conhecimento de qualidade, na ideia de pertencer e de ser sujeito de projetos individuais e sociais.

Ainda segundo Abramovay e Castro, (2005, p. 119) “tem-se dois eixos de preocupações que se entrelaçam quando se desenvolvem as recomendações seguintes”:

(...) primeiro no plano de ter o jovem como foco, investir para que esta desenvolva sua criatividade crítica e que venha a construir seus próprios mecanismos alternativos às drogas e uma postura reflexiva sobre significados subjetivos e sociais das drogas, em particular, via atividades associativas. Isso visa diminuir os riscos associados ao consumo de drogas. Enfatiza-se, portanto, a construção do conhecimento crítico, a modelagem ética e a escolha informada e reflexiva. É comum nas escolas não se ressaltar a importância do trabalho no plano afetivo e crítico, dando prioridade ao cognitivo, às informações, sem o necessário envolvimento subjetivo dos alunos. O segundo eixo é enfatizar a escola como ponto de referência, sua excelência e o seu clima, ou seja, que as políticas sobre drogas nas escolas pautem-se pelo resgate da sua qualidade e por uma

maior democracia, sem tutela e pretensão de controle sobre os jovens (ABRAMOVAY E CASTRO)

Sendo assim as autoras Abramovay e Castro, (2005, p.119) destaca que “a escola é o local propício para ajudar na prevenção das drogas no sentido que reúne várias qualificações que colaboram para a difusão de tal perspectiva na comunidade e na sociedade”. Como bem mostram as características que a escola abrange, citadas em Violências nas escolas de (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p.325):

- Por ser um lugar de encontro da diversidade cultural, o que aumenta sua capacidade de amalgamar conflitos que vem de fora e, também, a habilidade para formas criativas de solidariedade;
- Por seu potencial estratégico para tecer relações com a comunidade e, especialmente, com a família, já que diversas avaliações de programas de prevenção nas escolas veem os pais como importantes parceiros para tal fim;
- Pela possibilidade de experimentar medidas de prevenção e acompanhar tanto a população alvo como as experiências implantadas de políticas públicas;
- Pela sua importância junto aos alunos quanto à formação de valores e transmissão de conhecimento, o que tem prosseguimento nos processos de interação não somente entre professores e alunos, mas entre os próprios estudantes.

Considerando os estudos realizados dos diferentes autores é possível afirmar que a escola constitui-se em um dos principais lugares que se pode realizar a prevenção ao uso indevido de drogas, é nela que as famílias e a sociedade como um todo deposita inteira credibilidade. Os mecanismos de mediação devem ser desenvolvidos com todo coletivo escolar e nunca com ações isoladas, ou esporádicas, sempre envolver as famílias e desenvolver ações contínuas, não se eximindo de sua responsabilidade enquanto instituição formadora.

#### **4. AÇÕES DESENVOLVIDAS**

O Projeto de Intervenção foi desenvolvido no Colégio Estadual do Campo “Joany Guilherme de Lima”, em conjunto com a direção, professores e 17 alunos da 1ª série do Ensino Médio do período vespertino. A pesquisa foi sobre o uso indevido de drogas e prevenção, sendo que a metodologia se constituiu na pesquisa ação qualitativa, que segundo Demo (1992, *apud* TOZONI-REIS,2010, p.49) é uma alternativa de pesquisa que coloca a ciência a serviço da emancipação social, trazendo duplo desafio: o de pesquisar e o de participar, o de investigar e educar, realizando a articulação entre teoria e prática no processo educativo.

As ações foram desenvolvidas ao longo de 32 horas, no primeiro semestre do ano de 2017 e foi possível compreender que todo trabalho a ser desenvolvido precisa partir da realidade vivida, conhecida pelo público alvo. Nesse sentido, primeiramente foi aplicado um questionário para os alunos relacionado ao tema drogas, com perguntas abertas e fechadas por meio do qual ficou claro que as drogas estão mesmo presentes em todos os lugares. O colégio fica situado no campo, onde aparentemente tudo parece ser muito calmo e pacato, contudo o que ficou explícito é o problema com o álcoolismo. Nos relatos dos alunos é possível observar que as cenas de embriaguez são frequentemente presenciadas na comunidade na qual a escola está inserida, sendo o álcool segundo os autores Tiba (1999); Seibel e Toscano 2001 (1999, *apud* LACERDA, 2008, p. 13)

a substância psicoativa de maior uso no Brasil. Vários fatores influenciam esse uso, podendo-se destacar o fato dela ser uma droga lícita, socialmente aceita e muitas vezes ter seu uso incentivado pela sociedade (como por exemplo, os chamados “ritos de passagem” caracterizados pelo primeiro “porre” na adolescência); ser uma droga de fácil acesso e de baixo preço e ainda apresentar deficiência na fiscalização (venda para menores de idade, por exemplo). No entanto, família e instituições enfatizam, quase exclusivamente, o problema das drogas ilícitas, como a maconha e a cocaína. Isto porque o álcool, o tabaco e, em menor grau os solventes, estão inseridos nos diversos contextos, com os quais o adolescente se relaciona, incluindo a própria família e a instituição escolar. Mesmo conhecendo os efeitos dessas drogas, é possível o uso ocasional, isto é, o uso relacionado a eventos sociais, como festas, shows e outros, sem risco de desenvolver dependência para a grande maioria dos jovens. Antes, “são as coisas da idade” ou símbolos de passagem para o mundo adulto. Como consequência, o jovem recebe mais informações sobre as drogas ilícitas, e desconhece os riscos envolvidos no consumo das substâncias permitidas.

Dos dezessete alunos que participaram do projeto, 9 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino, ao serem questionados sobre o conhecimento que tinham sobre drogas 16 alunos responderam que já tiveram contato com algum tipo de droga, apenas 1 disse não ter tido contato. Quando questionados sobre já ter experimentado algum tipo de droga, 16 disseram já ter experimentado e 1 disse nunca ter experimentado. O que é visualizado na comunidade em relação ao álcool ficou evidente quando questionados sobre qual tipo de drogas já experimentaram, sendo que 15 alunos disseram consumir frequentemente bebidas alcoólicas e na maioria das vezes na presença da família; 7 alunos disseram já ter usado cigarro; 3 experimentaram maconha, 3 fazem uso de calmantes e 1 aluno já experimentou cocaína. Relataram que usaram as substâncias por curiosidade ou por brigas na família e os 17 já ouviram falar de drogas e até participaram de programas como o PROERD.

A partir da pesquisa feita com os alunos foi dada sequência desenvolvendo as seguintes atividades:

1. Apresentação de slides sobre os diferentes tipos de drogas e as consequências para a saúde; 2. reportagem sobre os perigos do uso do *narguilé*; 3. vídeo clip da música Drogas – Catedral por meio do qual foi feito o debate, objetivando esclarecer o que essas substâncias causam nos indivíduos e na sociedade; 4. vídeo de propaganda dinamarquesa que retrata duas situações de jovens na balada, cenas de jovens sob o efeito de álcool e outra sem efeito do álcool; 5. palestra com a patrulha escolar sobre a prevenção ao uso indevido de drogas, o que possibilitou aos estudantes esclarecimento acerca das substâncias e o diálogo com os policiais; 6. palestra com profissionais da saúde sobre as consequências do uso de drogas para a saúde física, de modo geral; produção de paródias e/ou poesias que abordem o tema; 7. organização e apresentação de peças teatrais retratando situações reais quanto ao uso de drogas; 8. pesquisa bibliográfica sobre o tema drogas, onde os estudantes foram organizados em pequenos grupos para desenvolverem as pesquisas, por meio da qual descreveram um tipo de droga e as consequências desta para a saúde física, mental e social. De acordo com o autor Álvaro Lorencini Júnior (1998, p.43)

Algumas atividades, quando planejadas e executadas pelos alunos e orientadas pelos professores, podem contribuir para a formação de uma cultura de prevenção contra as drogas, tais como: trabalhos em grupos, produção coletiva de textos, vídeos e encenações teatrais, entrevistas e debates com especialistas, bem como estimular a participação dos alunos em atividades esportivas e artísticas, facilitam o desenvolvimento de uma socialização saudável e afetiva, voltada para a valorização social da vida.

O trabalho de pesquisa foi feito, em sites sugeridos, contudo foi possível identificar a grande dificuldade que os estudantes têm de produzir textos e elaborar trabalhos, eles demonstraram interesse e motivação, porém necessitaram de auxílio o tempo todo, ficando evidente que trabalhos de pesquisa e o uso de tecnologias precisam ser utilizados com mais frequência na escola. O trabalho de elaboração da cartilha precisou de um tempo maior do que o previsto no cronograma, se estendendo por 12 horas aula, foi finalizado com a produção da capa, introdução, atitudes da família que podem evitar que os jovens utilizem drogas e considerações finais.

O trabalho desenvolvido no âmbito escolar possui especificidades que segundo o autor Paulo Albertini (1998, p.56)

[...] além da postura de aproximação empática e escuta, a escola pode também fazer muito em termos de prevenção da drogadição. Nessa área ganha relevância o mais amplo e honesto esclarecimento do tema. Fazer o

que Freud, acreditando no potencial da faculdade intelectual humana, chamou de educação para a realidade. Ou seja, tentar munir o jovem de recursos, emocionais e intelectuais, que o instrumentalizem para enfrentar os problemas inevitáveis da vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O objetivo do projeto era de criar espaços dentro do ambiente escolar para discutir a problemática das drogas e instrumentalizar o jovem a resistir à atração exercida por estas.

Diante de todo o aporte teórico pesquisado e das atividades que foram desenvolvidas com os estudantes na perspectiva de promover a reflexão e a construção de conceitos para a promoção e a valorização da vida, foi possível visualizar o grande interesse dos estudantes em conhecer e entender mais sobre o universo das drogas.

A escola é sem dúvidas uma instituição de grande credibilidade perante toda a sociedade e com base nisso deve desenvolver ações de prevenção constantemente, os estudos mostraram que projetos isolados não produzem os resultados almejados, há que se fortalecer ações permanentes de combate e prevenção às drogas, haja vista que esse é um problema de grande dimensão e a cada dia preocupa mais as famílias. Não podemos resolver somente no âmbito da escola essa problemática e nem garantir que as ações desenvolvidas irão inibir o uso de drogas, contudo as informações e as problematizações acerca do tema poderá contribuir no sentido dos jovens fazerem escolhas de maneira mais consciente e menos destrutivas.

## **REFERÊNCIAS:**

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas: versão resumida.** Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas: versão resumida.** Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2002.

ALBERTINI, Paulo. Drogas: Mal-estar e prazer. IN: AQUINO, Julio Gropa (org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus,1998.

ALVES, Silvio e MALHEIROS, Irene de Jesus Andrade: Desafios da prevenção ao uso indevido de drogas na Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. IN: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. Curitiba: SEED – PR,2008.

ANDRÉ, Simone Albehy; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. A droga, o adolescente e a escola: concorrentes ou convergentes? IN: AQUINO, Julio Gropa (org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus,1998.

ANDRIOLI, Sérgio Baxter; MOREIRA, Fernanda, G. Algumas histórias de drogas. IN: MOREIRA, F.G.; NIEL, M.; SILVEIRA, D.X. **Drogas, Família e Adolescência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

ARAÚJO, M.A.P.; MOREIRA, G.F. Algumas histórias de drogas. IN: MOREIRA, F.G.; NIEL, M.; SILVEIRA, D.X. **Drogas, Família e Adolescência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

BRASIL, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Curso de prevenção ao Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas**, Ministério da Educação. – 5.ed., atual – Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

BRILLINGER, Naianá Schurmann; SUDBRACK, Maria Fátima Olivier. **Parceria escola-família na prevenção do uso de drogas: o olhar dos educadores**. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas. Ministério da Educação, 5ª Ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.

CAPPONI, Marília; GOMES, Bruno Ramos. Álcool e outras drogas: novos olhares, outras percepções. IN: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA da 6ª Região. **Álcool e Outras Drogas**. São Paulo: CRPSP, 2011.

CORDELLINI, Júlia Valéria Ferreira, VENETIKIDES, Cristiane Honório, **Drogadição na Adolescência, Revista Igualdade** - Livro 41, Curitiba, Março / 2008.

JÚNIOR, Álvaro Lorencini. Enfoque contextual das drogas: aspectos biológicos, culturais e educacionais. IN: AQUINO, Julio Gropa (org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus,1998.

LACERDA, Roseli Boerngen de. As drogas na sociedade. IN:CORDELLINI, Júlia Valéria Ferreira, VENETIKIDES, Cristiane Honório, **Drogadição na Adolescência, Revista Igualdade** - Livro 41, Curitiba, Março / 2008.

MALUF, Thais P. Gracie e PIRES, Eugenia Kotsantonis Portella. A família e a relação com as drogas. IN: MOREIRA, F.G.; NIEL, M.; SILVEIRA, D.X. **Drogas, Família e Adolescência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

MEDINA, Gabriel. Drogas e Juventude: outro caminho. IN: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA da 6ª Região. **Álcool e Outras Drogas**. São Paulo: CRPSP, 2011.

MOREIRA, F.G.; NIEL, M.; SILVEIRA, D.X. **Drogas, Família e Adolescência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

NIEL, M. As drogas não são todas iguais – classificação e efeitos das drogas. IN: MOREIRA, F.G.; NIEL, M.; SILVEIRA, D.X. **Drogas, Família e Adolescência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas**. Curitiba: SEED – PR,2008.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2.ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.